

# A CONCEPÇÃO DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM DE ALUNOS CONCLUINTES DO CURSO DE MAGISTÉRIO EM UMA ESCOLA ESTADUAL DO MUNICÍPIO DE ERECHIM-RS

The design of learning assessment of graduate students of a teaching course in a state school in Erechim- RS

Marjana Lourdes Ostroski<sup>1</sup>; Denise Aparecida Martins Sponchiado<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI Erechim. *E-mail*: mahostroski12@hotmail.com

<sup>2</sup> Mestre em Educação. Professora Titular da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI Erechim. *E-mail*: denisesponchiado@gmail.com

Data do recebimento: 05/08/2019 - Data do aceite: 19/09/2019

**RESUMO:** A avaliação da aprendizagem desenvolvida nas escolas, por vezes, segue um padrão classificatório que visa à aprovação ou reprovação. Sob tal premissa, o presente estudo tem o objetivo de identificar a concepção de avaliação da aprendizagem de alunos concluintes do Curso de Magistério em uma escola da rede pública estadual do município de Erechim, RS. A relevância do tema é inquestionável, uma vez que cabe aos futuros educadores o entendimento das diferentes concepções e dos significados atribuídos à avaliação. Ademais, o ato de avaliar faz parte do cotidiano escolar por meio de ações e atitudes tomadas dentro da sala de aula. O artigo resulta de pesquisa qualitativa, a qual associa a abordagem exploratória à descritiva, fazendo uso de estudo de caso como estratégia metodológica. Mediante a pesquisa realizada, evidenciou-se que os professores, não apenas antigamente, mas ainda hoje, apoiam-se em posturas que rotulam os alunos, o que favorece a seleção, a classificação e a exclusão destes. Considerando essa realidade, enfatiza-se a necessidade de conscientização dos educadores, para que busquem práticas avaliativas com a finalidade específica de melhoria do processo de ensino e aprendizagem em sala de aula. Ademais, para que a avaliação da aprendizagem assuma o seu verdadeiro papel como instrumento de diagnóstico das dificuldades

apresentadas pelos estudantes, torna-se necessária uma pedagogia alicerçada na transformação social e não no conservadorismo que exclui, desmotiva e classifica os alunos.

**Palavras-chave:** Concepções avaliativas. Alunos. Avaliação da aprendizagem. Magistério.

**ABSTRACT:** The learning assessment developed in schools sometimes follows a classificatory pattern aimed at passing or failing. Under this premise, this study aims to identify the conception of learning assessment of senior students of a Teaching Course in a state school in the city of Erechim, RS. The relevance of the theme is unquestionable, since it is up to future educators to understand the different conceptions and meanings given to evaluation. In addition, the act of assessing is part of the school routine through actions and attitudes taken within the classroom. The article results from a qualitative research which associates the exploratory approach with the descriptive one, making use of a case study as a methodological strategy. Research shows that teachers, not only in the past, but still today, rely on postures that label students, which favor their selection, classification and exclusion. Considering this reality, the need for the educators' awareness is emphasized so that they may seek evaluation practices with specific purpose of improving the teaching and learning process in the classroom. Moreover, for the learning assessment to assume its true role as a diagnostic tool for the difficulties presented by students, it is necessary to have a pedagogy based on social transformation and not on conservatism that excludes, demotivates and classifies students.

**Keywords:** Evaluative concepts. Students. Learning assessment. Teaching course.

## Introdução

As práticas avaliativas realizadas dentro das escolas podem estimular, promover e gerar novos crescimentos e avanços, fazendo com que o aluno alcance o sucesso, mas também podem desestimular, frustrar e conduzir ao fracasso.

No contexto atual, a forma como a avaliação tem sido trabalhada em sala de aula deixa transparecer que visa a preparar o aluno para que este tenha sua atenção centrada no processo de promoção ao final do ano letivo, sem se preocupar com a aquisição de novos

conhecimentos e com o desenvolvimento de novas aprendizagens no percurso de formação estudantil.

Ao contrário do que se tem praticado, a avaliação precisa corresponder a um momento de reflexão sobre a prática que vem sendo realizada, e esse momento deve ser utilizado para que o professor repense sua forma de trabalho. Nesse sentido, mudar as práticas de avaliação pode ser uma das alternativas, para que os alunos consigam demonstrar os conhecimentos adquiridos e apreendidos, bem como analisar o real desenvolvimento da aprendizagem.

Com a finalidade de promover a ampliação do olhar do professor sobre a prática avaliativa desenvolvida nas escolas, o presente estudo visa à observação e à compreensão de concepções de avaliação da aprendizagem de alunos que cursam o Magistério, futuros educadores, pois, segundo Souza (2004, p. 151):

A avaliação passa a ter por objeto principal a transformação e a elaboração de novas etapas de desenvolvimento cognitivo. Perceber as dificuldades como superáveis e o conhecimento como um processo em construção significa reconhecer as muitas possibilidades de transformação do contexto social e das relações que nele se estabelecem.

Para que a avaliação configure uma prática construtiva e diagnóstica a favor do crescimento intelectual do aluno e do seu desenvolvimento de habilidades e competências, o investimento em reflexões sobre a referida prática avaliativa, inserindo, no processo de ensino e aprendizagem, espaço para novas formas de avaliar se torna viável, a fim de que se possa observar o real desenvolvimento da aprendizagem.

## **Avaliação da aprendizagem**

Educar significa questionar o mundo em que se vive, tendo em vista os ensinamentos a respeito do funcionamento de tudo em torno das pessoas. Sob essa lógica e para que haja mudanças e transformações em busca da recriação das formas de educar, a educação passa pela avaliação.

O ato de avaliar faz parte do cotidiano. A todo o momento, as coisas são avaliadas tanto de forma positiva quanto negativa. De igual maneira, competências e habilidades são permanentemente avaliadas. De modo especial, no ambiente escolar, a avaliação fornece ao professor o caminho a ser percorrido, o que

precisa ser trabalhado, o que o aluno já sabe e em que possui mais dificuldade, pois avaliar, de acordo com Libâneo (1994, p. 195), constitui-se em uma tarefa:

Didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino e aprendizagem. Através dela, os resultados que vão sendo obtidos no decorrer do trabalho conjunto do professor e dos alunos, são comparados aos objetivos propostos, a fim de constatar progresso, dificuldades e reorientar o trabalho para as correções necessárias. A avaliação é um reflexo sobre o nível de qualidade do trabalho escolar tanto do professor como dos alunos. Os dados coletados no decorrer do processo de ensino, quantitativo ou qualitativo, são interpretados em relação a um padrão de desempenho e expressos em juízos de valor (muito bom, bom, satisfatório, etc.) acerca do aproveitamento escolar. A avaliação é uma tarefa complexa que não se resume à realização de provas e atribuição de notas. A mensuração apenas proporciona dados que devem ser submetidos a uma apreciação qualitativa. A avaliação, assim, cumpre sua função pedagógico-didática, de diagnóstico e de controle em relação às quais se recorre a instrumentos de verificação do rendimento escolar.

Tendo em vista que o objetivo da avaliação, ao longo do percurso histórico, tem se concentrado no preparo do aluno para aprovação ou reprovação, infere-se que seu caráter, dentro da escola, é classificatório. Isso significa que a atenção não se volta, de modo especial, ao real desenvolvimento da aprendizagem.

Para Luckesi (2011a, p. 263), a avaliação pode ser comparada a um ato de investigar e de intervir, ou seja, “é um recurso pedagógico disponível ao educador para que auxilie o educando na busca de sua autoconstrução

e de seu modo de estar na vida mediante aprendizagens bem-sucedidas”.

Já para Silva e Nascimento (2012), a avaliação é parte integrante do ensino e da aprendizagem e, por meio dela, é que se pode tomar conhecimento dos resultados dos processos pedagógicos realizados em sala de aula. Contudo, a prática de avaliar é reduzida à mera aplicação de provas e testes, cuja intenção é a de classificar o aluno. Para as autoras, o processo avaliativo, que hoje se aplica na escola, está relacionado aos modelos pedagógicos nos quais a pedagogia tradicional assume a função classificatória e autoritária. No entanto, é imprescindível que este processo se fundamente na pedagogia libertadora, cuja função é a de diagnosticar os problemas e buscar o crescimento e o melhor desempenho dos alunos.

Nessa perspectiva, o professor se torna capaz de substituir o foco na transmissão de conteúdos pela criação de estratégias que promovam a aquisição de conhecimentos, para que, assim, os alunos sintam-se motivados a desenvolver reflexões necessárias, no intuito de compreenderem as informações e se mostrarem competentes para criar novos significados para as mesmas (MENEGHEL; KREISCH, 2009).

Para que essa avaliação aconteça de uma forma diferenciada e não busque apenas classificar o aluno diante de resultados como aprovado ou reprovado, os professores têm a tarefa de dar uma maior atenção ao processo avaliativo, pesquisando diferentes formas de avaliar, bem como elaborando práticas avaliativas que diferenciem sua ação docente.

Conforme Hultmann e Corrêa (2018), a ideia de mudanças e inovações no campo da avaliação da aprendizagem é bastante divulgada, no entanto, ainda há muita resistência perante o aperfeiçoamento do processo de ensino e aprendizagem, haja vista que a ênfase maior é dada à avaliação quantitativa e

não à qualitativa. Até mesmo porque, muitas vezes, a realidade escolar não demonstra claramente os propósitos a serem alcançados com a avaliação, visto que, nesta contemporaneidade, a mesma assume papel mecanicista nas escolas, limitando, com isso, o potencial dos alunos.

De modo complementar, Vidigal e Zambon (2013) corroboram com o exposto, afirmando que a avaliação não é vista pelos professores como uma possibilidade de avanço ou ferramenta de reflexão para planejamento de futuras ações com o intento de melhorar o conhecimento dos alunos. Por essa razão, é necessária uma maior atenção aos resultados obtidos, construindo, assim, uma forma de avaliar que dê condições ao professor de utilizar as informações que possui a respeito do aluno para uma efetiva melhoria do processo de aprendizagem.

Evidencia-se, portanto, a necessidade de uma educação de qualidade que consiga atender às individualidades dos alunos, embasando-se nas experiências que cada um possui, sem avaliá-los apenas para classificar o rendimento escolar. Quanto a esse aspecto, Candido (2014) enfatiza que, enquanto a comunidade enxerga a escola como um lugar seguro e de confiança para deixar os filhos, não a caracterizando como espaço para desenvolver novos conhecimentos, o sistema de ensino continuará a se preocupar somente com os resultados dos índices de avaliações externas, a exemplo da Prova Brasil, do Programa Internacional de Avaliação de Alunos, em inglês, Programme for International Student Assessment (PISA), entre outras avaliações de larga escala.

Logo, torna-se imprescindível que a escola realize, junto à comunidade em que se insere, uma prática menos excludente, trabalhando com os conhecimentos que os alunos já trazem consigo. Desse modo, a avaliação pode se transformar em um ins-

trumento reflexivo, com possibilidade de construção de conclusões, a fim de criar alternativas de aprendizagem inovadoras e mais significativas, como também metodologias que contribuam para o processo de ensino e aprendizagem e, por extensão, à avaliação.

De acordo com Gomes (2015), não é necessário que a avaliação se reduza a um exercício de correção ou classificação. Entretanto, pode agir como uma intervenção pedagógica que desafia o aluno a interagir com o professor, sendo este o mediador das atividades propostas, compreendendo e respeitando as diferenças que cada aluno apresenta, assim como destaca Esteban (2003a, p. 15-16):

A avaliação escolar, nessa perspectiva excludente, silencia as pessoas, suas culturas e seus processos de construção de conhecimentos; desvalorizando saberes, fortalece a hierarquia que está posta, contribuindo para que diversos saberes sejam apagados, percam sua existência e se confirmem como a ausência de conhecimento.

Para Neves (2007), a forma como o trabalho da avaliação é realizado dentro da escola reproduz a estrutura de poder presente na sociedade. O ato de ensinar somente o que o professor quer que o aluno reproduza nas provas revela o controle que o professor tem sobre os conhecimentos do aluno, ou seja, seu poder sobre a aprendizagem. Para a referida estudiosa, quando a prática avaliativa consegue reconhecer o valor do educando como ser humano e, acima de tudo, aprendiz em desenvolvimento, esta prática passa a ser diferente da proposta tradicional de avaliação. Ainda, de acordo com a autora, para que essa diferenciação aconteça, é mister o investimento na formação de professores nos Cursos de Magistério, nas graduações, nas especializações, bem como nas formações continuadas, para que os profissionais da educação tenham condições de associar novos saberes e novas percepções às suas

experiências pessoais, vividas ao longo da vida docente.

Ademais, conforme destaca Gomes (2014), não basta apenas transmitir conteúdo, pois o processo de aquisição de aprendizagem provém da mudança de hábitos, de atitudes e de comportamentos. Nesse sentido, essa mudança configura-se como uma das responsabilidades do professor, pois cabe a este observar e conhecer a realidade do aluno, trazendo-a para a sala de aula, além de trabalhar em conformidade com as necessidades de cada um. Esse processo, segundo a autora, pode ser árduo e difícil, mas é assim que a aprendizagem se torna mais interessante e desafiadora.

Barbosa (2008) contribui com as ideias expostas, afirmando que a avaliação é uma tarefa necessária e, por pertencer ao trabalho dos professores, acompanha o processo de ensino e aprendizagem. Logo, é por meio dela que se comparam os objetivos propostos pelos professores no que tange ao desenvolvimento apresentado pelos alunos. Para a autora, a avaliação é uma tarefa complexa que não se resume apenas na realização de provas e atribuição de notas. Ao contrário, reflete sobre o nível de qualidade do trabalho desenvolvido tanto pelo professor quanto pelo aluno.

## **Concepções de avaliação**

Tomar conhecimento e compreender os diferentes tipos de avaliação e, por extensão, os distintos resultados que estas fornecem é essencial para os professores, para que possam desenvolver um bom planejamento e atingir os objetivos almejados. Da mesma forma, para que reconheçam que as avaliações podem complementar umas às outras.

Dentre a variedade de concepções de avaliação, neste estudo, são colocadas em evidência três que se fazem presentes ou

podem se transformar em prática pedagógica nas escolas: avaliação classificatória, avaliação diagnóstica e avaliação emancipatória.

## Avaliação classificatória

Para Meneghel e Kreisch (2009), a avaliação classificatória é herdada do ensino tradicional, centrada na reprodução de conteúdo e no alcance de habilidades. Sob essa ótica, o professor não se preocupa com o avanço ou com as aprendizagens do aluno; neste caso, os alunos se tornam reprodutores do que os professores lhes ensinam, chegando à suposta perfeição, para atingir o melhor resultado. Luckesi (2011b) corrobora com essa ideia, alertando que, na modalidade classificatória, os alunos são treinados pelos professores para serem os melhores.

Segundo Sponchiado (2006), a avaliação, da forma classificatória como vem ocorrendo nas instituições escolares, atua sobre o ensino e sobre a professora. Essa avaliação que remete, muitas vezes, a uma ação da professora sobre os alunos determina o comportamento e a visão da professora sobre os alunos. Determina também, em outras instâncias avaliativas, a avaliação sobre a professora que consegue ou não garantir o resultado com os alunos. Esteban, ao falar sobre a redefinição metodológica, afirma:

[...] é preciso uma redefinição metodológica da avaliação para acompanhar a transformação epistemológica que a emergência de um novo paradigma anuncia. Um paradigma emergente que fala do caos, da desordem, da multiplicidade, do híbrido, do deslocamento, da inconstância, da negociação, da tradução, de fluidez, de margens, de inconsistência, de movimento [...] (ESTEBAN, 2003b, p. 31).

O posicionamento de Esteban soa como novas possibilidades para o cotidiano escolar,

introduzindo outros sentidos para a avaliação. Sentidos que nos permitam vê-la como um momento de experiência pensada, incapaz de ser traduzida na prática pedagógica.

## Avaliação diagnóstica

A avaliação diagnóstica, como o nome já diz, faz um diagnóstico, identificando, ao longo do processo de aprendizagem, as fraquezas e as potencialidades dos alunos. Desse modo, cabe ao professor desenvolver técnicas adequadas, a fim de perceber os aspectos nos quais seus alunos já são bons e os que estes ainda precisam melhorar.

Segundo Gonçalves; Larchert (2012), a avaliação diagnóstica tem a função de verificar as possibilidades do aluno de prosseguir para a próxima etapa do processo de ensino e aprendizagem. Assim, o diagnóstico é feito sempre em um momento anterior, para que, por meio dele, possam ser descobertas as deficiências de aprendizagem de cada aluno.

Nessa mesma linha de pensamento, Ribeiro (2011) esclarece que a avaliação diagnóstica apresenta uma importância significativa no processo de ensino e aprendizagem, haja vista que constitui uma parte de um todo de avaliações que configuram o referido processo. Consequentemente, oferece condições para que todos os componentes deste processo, de modo especial, docentes e discentes, além do sistema educacional como um todo, possam se autoconhecer e autocompreender suas próprias deficiências, bem como a capacidade de aprimoramento, direcionando, assim, ações corretivas.

Para Esteban (2002), isso só é possível se os professores buscarem continuamente uma capacitação, assumindo o papel de pesquisadores da prática pedagógica, com um único propósito: encontrar respostas adequadas que favoreçam a construção, a compreensão e a assimilação de conhecimentos.

## Avaliação emancipatória

A avaliação contribui para o desenvolvimento da aprendizagem a partir do momento em que se transforma em ferramenta pedagógica, a fim de melhorar a qualidade de ensino. Tendo em vista esse pressuposto, ao partir da realidade do aluno, a avaliação emancipatória verifica os avanços de suas aprendizagens, tornando-se um instrumento de potencialização. Sendo assim, contribui para a construção de aprendizagem do aluno, conforme afirma Saul (2000, p. 61): “A avaliação emancipatória caracteriza-se como um processo de descrição, análise e crítica de uma dada realidade, visando transformá-la.” Para tanto, cabe ao professor acompanhar o desenvolvimento do que o aluno produz para, após, avaliá-lo e construir um parecer sobre seu rendimento.

Saul (2000) destaca que o principal compromisso da avaliação emancipatória é fazer com que as pessoas envolvidas nas ações educacionais escrevam sua própria história para criarem alternativas de ação. Isso significa que, com base em seus próprios problemas cotidianos, podem encontrar hipóteses ou soluções para resolvê-los.

## Metodologia

O estudo apresenta uma abordagem qualitativa, associando a pesquisa exploratória à descritiva. Por essa razão, embasa-se em um estudo bibliográfico e em uma pesquisa de campo, favorecendo uma compreensão mais precisa do fenômeno estudado, como declara Gil (2002, p. 54): “Trata-se de um estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento [...]”.

Sob essa ótica, segue os princípios da estratégia investigativa, uma vez que configura um procedimento relevante, adotado

em várias áreas de conhecimento, como esclarece Yin (2005, p. 20): “Como estratégia de pesquisa, utiliza-se o estudo de caso em muitas situações, para contribuir com o conhecimento que temos dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais, políticos e de grupo, além de fenômenos relacionados.”

Os sujeitos da pesquisa pertencem ao universo de alunos concluintes do Curso de Magistério, da Escola Estadual Normal José Bonifácio, localizada no município de Erechim, RS, atingindo um total de participantes.

Como instrumento de coleta de dados utilizou-se um questionário com perguntas abertas e fechadas. A aplicação deste foi muito simples, haja vista que foi solicitado aos alunos concluintes a leitura do mesmo, com um roteiro delimitado, formado por questões pertinentes ao assunto que deu origem à pesquisa. Para cada questão, os alunos tiveram a oportunidade de expor suas respostas, manifestando, dessa maneira, seus posicionamentos. O público-alvo, conforme mencionado, reuniu 33 estudantes. A escolha destes se deu por ser a única turma de concluintes do referido curso na escola.

## Resultados e Discussões

Posteriormente à revisão bibliográfica, com o foco de verificar as diferentes formas de avaliação e como esta ocorre em sala de aula em conformidade com estudos realizados por autores sobre o assunto, a pesquisa concentrou-se no objetivo de verificar como a avaliação acontece e nos métodos e estratégias utilizados dentro de sala de aula de uma turma de alunos concluintes do Curso de Magistério de uma escola estadual do município de Erechim, RS. O artigo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI Erechim, e foi aprovado com o número do

CAEE: 02467318.8.0000.5351 e Número do Parecer: 3.048.137.

Por meio de questionários, os dados obtidos foram submetidos a um processo de análise de conteúdo e análise descritiva. A abordagem qualitativa compreendeu um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e decodificar componentes de um sistema complexo, na tentativa de compreender os significados, sensações e emoções dos sujeitos pesquisados. A análise quantitativa possibilitou uma análise estatística na descrição dos dados obtidos, sem deixar de considerar a qualidade do fenômeno estudado. Além disso, forneceu critérios provenientes do próprio material para sua consideração como indicador de um fenômeno de interesse científico.

Relevante considerar que, dentro da sala de aula, as ações dos professores revelam suas concepções e intenções, ainda que estes não tenham consciência desse fato. Quando se fala em avaliação, verifica-se que o fato não é diferente, visto que cada professor tem seu modo e formas próprias de avaliar. Isso se justifica pelo fato dos instrumentos avaliativos aplicados em sala de aula buscarem, por vezes, verificar a aprendizagem do aluno apenas pela memorização, distanciando-se da análise da compreensão e do desenvolvimento das aprendizagens no processo de cada aluno.

Do total de 33 questionários entregues aos alunos concluintes, somente 27 retornaram à pesquisadora. Sem necessidade de identificação, solicitou-se apenas que cada aluno utilizasse as iniciais dos seus nomes, juntamente com iniciais indicadas pela pesquisadora. As iniciais indicadas pela pesquisadora foram letras “ERE” que representam a cidade de Erechim, RS, onde a pesquisa foi realizada.

O questionário reuniu 8 questões: 5 questões fechadas por meio das quais os alunos deveriam responder simplesmente “sim” ou

“não”; as outras 3 perguntas, consideradas abertas, deveriam ser respondidas em conformidade com a opinião pessoal.

Diante das respostas obtidas, percebeu-se que os alunos não se sentem satisfeitos com a forma de avaliação utilizada pelos professores na escola onde a pesquisa foi realizada. A respectiva insatisfação pode ser conferida pelas transcrições<sup>1</sup> de algumas das respostas dos alunos concluintes do Curso de Magistério:

Não acho adequado fazer provas, pois decoramos o conteúdo.<sup>2</sup>

Provas não determinam nível de aprendizagem. Prova não prepara aluno, não mostra o que realmente aprendemos.<sup>3</sup>

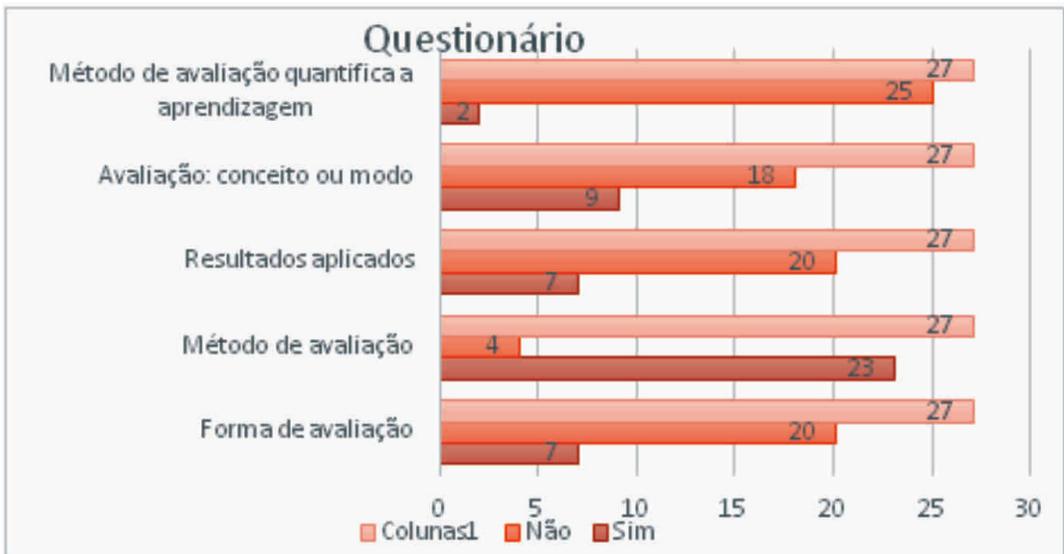
O Gráfico 1 demonstra o percentual de alunos que concordam, como também dos que discordam da avaliação feita pelos professores.

O Gráfico 1 revela que, dos 27 alunos que responderam ao questionário, 20 responderam que não concordam com a avaliação, pois a mesma é realizada por provas, não permitindo que o aluno demonstre os reais conhecimentos adquiridos em sala de aula.

Segundo Sponchiado (2016), justamente é a média estabelecida em uma avaliação que representa muito mais a quantidade do que a qualidade dos aspectos avaliados. Isso reproduz a restrição de contagem das respostas corretas, correspondente a um dado conteúdo que o aluno sente obrigação de, na maioria das vezes, decorar para ser aprovado.

Para 23 dos alunos participantes da pesquisa, a prova aplicada em sala de aula é o principal meio de avaliação utilizado pelos professores, o que faz com que os alunos sejam avaliados de forma classificatória, não lhes oportunizando expressar as aprendizagens adquiridas durante o processo de ensino e aprendizagem. Ademais, fazendo com que

Gráfico 1 - Percentual de alunos que concordam ou discordam da avaliação dos professores



Fonte: As autoras (2019)

se sintam excluídos por conta do desempenho nas provas aplicadas.

Conforme esclarece Moraes (2011, p. 239), “para a escola, a prova é uma forma de manter a ordem, o respeito, a disciplina e a autoridade, de obrigar os alunos a estudarem, como também é uma alternativa de assegurar que informações necessárias estão sendo apropriadas e demonstradas pelos educandos.” Por vezes, ao fazer com que os alunos se dediquem a estudar para conseguir a média determinada pela escola, os professores esquecem de averiguar quais foram as aprendizagens adquiridas pelos mesmos, fazendo com que se sintam reduzidos a ser representados pela nota determinada por meio da prova. Dessa forma, os alunos são definidos por prova como condição de promoção pela melhor nota ou reprovação pela pior nota.

Ao se referir a essa definição, a aluna EREGFO destaca:

Geralmente, nas disciplinas do Ensino Médio, a avaliação é por meio de uma

ou duas provas, trabalhos e qualitativa e nas disciplinas didáticas que se voltam mais ao Curso Normal, as avaliações são feitas a partir de trabalhos, seminários e participação em aula.

De acordo com o exposto, compreende-se que, apesar de alguns professores realizarem a avaliação por meio de notas, também avaliam por outros instrumentos como: trabalhos, seminários e participação em aula, o que demonstra preocupação com a aprendizagem dos alunos, além de dar a estes a oportunidade de aprenderem de outras formas.

Por meio do levantamento de dados, pode-se perceber, de acordo com 20 das respostas coletadas, que os resultados obtidos pelos professores não são utilizados, de modo geral, para melhorar a aprendizagem do aluno. Apenas 7 alunos acreditam que, por intermédio dos resultados obtidos, seja, de fato, organizada uma forma com o intuito de melhorar as aprendizagens em sala de aula. Por isso, com base nas dificuldades apresentadas individualmente, faz-se ne-

cessário que o professor tente aplicar aos alunos novas aprendizagens e novas formas de avaliar, pois, conforme assevera Esteban (2002, p. 12): “As alternativas construídas desta perspectiva avançam no sentido de destacar a aprendizagem como um processo, relativizando a dicotomia entre o erro e o acerto, indicando a necessidade de que o tempo escolar considere também os tempos e ritmos individuais.”

Por vezes, o ato de avaliar a aprendizagem do aluno pode ser considerado como o ato de conceituar ou dar nota ao que o aluno aprende. Questionados sobre isso, para 9 alunos, avaliar é atribuir nota à avaliação, todavia, 18 deles não concordam com essa concepção, a exemplo do registro da aluna EREIOV: *Acredito que por mais que estas avaliações sejam falhas com a aprendizagem do aluno, são necessárias para validar o que foi aprendido ou mesmo decorado.*

De acordo com Esteban (2003a, p. 18), “A avaliação, assim considerada, não se refere à aprendizagem e ao ensino como processos interativos e intersubjetivos, mas sim ao rendimento como resultado verificável.” Pelas palavras do autor, evidencia-se que o aluno pode ser identificado como mau (ou bom) em conformidade com o seu desempenho. Desse modo, a avaliação coloca o aluno numa posição em que pode ser incluído ou excluído do sistema escolar, pois aqueles que não conseguem aprender são considerados maus alunos, não estão na média.

Em relação a essa questão, Sponchiado (2016) enfatiza que, do modo como a avaliação ocorre nas instituições de ensino, algumas observações se tornam necessárias, haja vista que a mesma se constitui em instrumento basilar tanto para aprovação quanto para diagnóstico e reprovação, o que possibilita medir os conhecimentos assimilados e aprendidos.

Pode-se afirmar, portanto, que a escola assume o papel de conceituar ou atribuir nota

aos alunos, classificando-os e, em muitas circunstâncias, excluindo-os do processo de aprendizagem. Destarte, faz-se necessário abandonar a ideia de que a avaliação é um instrumento de controle e seleção realizado pela escola e transformá-lo em um instrumento de observação e mudança, o qual visa, acima de tudo, o desenvolvimento dos conhecimentos dos alunos.

O método de avaliação utilizado pelo professor nem sempre contempla e favorece as aprendizagens apresentadas pelos alunos individualmente. Por conseguinte, a avaliação se torna uma dificuldade e uma causa de medo e não um instrumento que poderia auxiliar no desenvolvimento das aprendizagens. Através das falas das alunas, justifica-se o exposto, uma vez que, para EREGAS, *ela define o que a gente é.* Já para EREFP, *Ele infelizmente diz se nós aprendemos o conteúdo ou não, mesmo sabendo, talvez na prova não fomos muito bem, e nota nos define.*

A avaliação do rendimento escolar, indispensável ao processo classificatório, inscreve-se nas práticas sociais, cujo objetivo ao examinar é vigiar e punir, como tão bem demonstrou Foucault. Na escola, a aprendizagem, assim como o ensino, seria decorrência de um sistema eficiente de vigilância e de punição, facilmente traduzível em provas, testes, notas, conceitos, recuperação, aprovação, reprovação. (ESTEBAN, 2003b, p. 19).

Com base nisso, 25 alunos dos 27 participantes da pesquisa não acreditam que o método avaliativo utilizado pelo professor determina o quanto os alunos aprendem, pois, para eles, a prova aplicada não é o melhor instrumento, uma vez que muitos dos conteúdos são meramente decorados para obtenção de uma nota e não aprendidos.

É preciso levar em consideração também que cada aluno é originário de um contexto diferente e que muitas das aprendizagens

tornam-se mais fáceis para alguns, enquanto que para outros são mais difíceis.

Nessa perspectiva, Luckesi (1994 p. 133) alerta: “O professor deverá, junto com os seus alunos, tomar em suas mãos o cotidiano e, a partir dele, dar o salto para a compreensão mais elaborada e complexa do mundo.” Ou seja, cabe ao professor observar individualmente as aprendizagens desenvolvidas por cada aluno, trabalhando e avaliando-as, sem classificação ou exclusão, permitindo que todos sejam contemplados com a produção de novas aprendizagens.

Referentemente ao que acontece com os resultados obtidos na avaliação dos professores, 20 alunos responderam de modo semelhante às seguintes transcrições:

*O resultado obtido vai para o sistema da escola, o qual é passado por um conselho de professores e depois é passado para o boletim.*<sup>4</sup>

Colocadas nos boletins querendo dizer que aquilo é tudo que sabemos.<sup>5</sup>

Segundo Luciano e Moraes (2012), quando se repete o mesmo discurso sobre a importância da obtenção de nota por meio da prova desde os anos iniciais até os finais, os alunos acabam sendo influenciados de forma negativa em relação às provas. Essa influência tem afetado diretamente o desempenho escolar do aluno e conseqüentemente sua vida, pois a leitura que este faz é a de que sua posição social é definida pelo seu sucesso ou fracasso.

Distintamente, é imprescindível oportunizar aos alunos a chance de opinar sobre o tipo de avaliação realizado dentro da sala de aula, visto que os mais afetados em relação ao assunto são eles próprios. Com isso não se quer dizer que é necessário banir a realização da prova, visto que a mesma é uma ferramenta importante na realização das avaliações. Entretanto, dar espaço para metodologias diferenciadas, que visem avaliar

o desempenho real do aluno torna o processo dinâmico e produtivo. Afinal, não é mais admissível reduzir o ensino a uma avaliação padronizada e classificatória; ao contrário, precisa ser visto como uma oportunidade de o aluno adquirir novos conhecimentos. Em relação a como deve acontecer a avaliação, a opinião dos alunos foi precisa e pontual, a exemplo destas respostas:

Na minha percepção, trabalhos avaliativos e debates são uma forma melhor para a aprendizagem, uma vez que, dada uma prova o aluno, de certa forma “decora” o conteúdo.<sup>6</sup>

Ela deveria ser feita por exercícios em aula sem o aluno necessariamente saber, pois ocorre muito do aluno decorar apenas para prova, sem aprender.<sup>7</sup>

Avaliação, ao meu ver, deveria ser um conjunto de diferentes formas de reconhecer os conhecimentos dos alunos atendendo aos diferentes conhecimentos que os alunos carregam consigo.<sup>8</sup>

As manifestações dos alunos deixam transparecer a insatisfação em relação à questão, uma vez que eles são colocados em posição de avaliações classificatórias, que acabam excluindo as reais competências e rotulando-os. Nesse sentido, Esteban (2002, p. 24) corrobora:

A avaliação como prática e investigação tem o sentido de romper as barreiras entre os participantes do processo ensino/aprendizagem e entre os conhecimentos presentes no contexto escolar. Desta forma, os mecanismos de percepção e de leitura da realidade são ampliados, facilitando a identificação dos sinais de que algum aluno esteja sendo posto à margem do processo e das pistas para viabilizar a reconstrução de seu trajeto, como parte da dinâmica coletiva instaurada na sala

de aula. A finalidade é que todos possam ampliar continuamente os conhecimentos que possuem, cada um no seu tempo, por seu caminho, com seus recursos, com a ajuda do coletivo.

Observar as dificuldades apresentadas pelos alunos para, em seguida, buscar a forma apropriada de avaliar as aprendizagens de forma individual é fundamental quando o propósito é o de fazer com que a aprendizagem efetivamente aconteça. Para tanto, é conveniente deixar de lado o uso “enraizado” da prova, considerando-a uma alternativa que pode ajudar na aquisição e no desenvolvimento do processo de novos conhecimentos.

Algumas das opiniões expostas pelos alunos no questionário permitem a reflexão sobre a forma como a avaliação acontece, pois demonstram a esperança de, um dia, poderem ser avaliados pelas atitudes e participação em aula, conforme respostas transcritas:

Minha percepção sobre avaliação é que esta não seja somente por meio de provas, mas sim por meio de trabalhos onde o aluno se expresse e consiga mostrar algo além do que está “no papel”, e também avaliando a participação do aluno em aula e se importando se está aprendendo.<sup>9</sup>

É perceber o rendimento, desenvolvimentos do aluno através da participação do mesmo e manifestações nos trabalhos dinâmicos, onde ele tem oportunidade de explicar aquilo que entendeu.<sup>10</sup>

Restringir e delimitar a avaliação da aprendizagem a provas condiciona o aluno a decorar o conteúdo, sem se preocupar em desenvolver a aprendizagem para carregá-la em sua bagagem de vida. Diferentemente de um ato mecânico, o aluno não deseja simplesmente alcançar o resultado pré-estipulado pela escola, pois é dentro do contexto escolar que ele deseja ser percebido pelos profes-

res. Logo, sua avaliação e ele propriamente valem mais do que uma mera nota ao final do bimestre, trimestre, semestre ou ano letivo.

Por essa, entre outras razões, é importante considerar as complexidades que permeiam o processo de avaliação da aprendizagem, para que se possa encontrar a melhor possibilidade a ser utilizada. Transformar, então, a cultura de avaliação imposta ao longo do processo educacional significa oportunizar aos alunos o desenvolvimento de novas aprendizagens.

## Considerações finais

*Ele infelizmente diz se nós aprendemos o conteúdo ou não, mesmo sabendo, talvez na prova não fomos muito bem, e nota nos define.<sup>11</sup>*

Ao finalizar este estudo, que teve como objetivo identificar a concepção de avaliação da aprendizagem dos alunos concluintes do Curso de Magistério, torna-se relevante tomar emprestadas as palavras da aluna EREFP, ao expressar que os alunos ainda são definidos por uma nota, que o que os qualifica é uma média, enfim, que tudo se restringe a uma aprovação ou reprovação. Sob essa lógica, a avaliação nada mais é do que uma maneira de colocar o estudante numa posição na qual pode ser in/excluído do sistema escolar.

Mediante a pesquisa realizada, bem como pelo aporte teórico que fundamenta as concepções avaliativas: classificatória, diagnóstica e emancipatória, pôde-se evidenciar que os professores, não apenas antigamente, mas ainda hoje, apoiam-se em posturas que rotulam os alunos, favorecendo a seleção, a classificação e a exclusão dos mesmos. Considerando esta realidade, ressalta-se a necessidade de conscientização dos professores para que busquem práticas avaliativas com a finalidade de favorecer a melhoria do processo de ensino e aprendizagem que ocorre em sala de aula.

Uma maneira adequada e viável de incentivar os alunos à busca de mais conhecimentos é fazer com que os mesmos desenvolvam autonomia. Portanto, cabe ao professor oportunizar a eles ações e vivências para que sejam estimulados a buscar o real sentido das atividades realizadas em sala de aula. Atitudes como essa permitem que os alunos desenvolvam novas aprendizagens. Além disso, que a avaliação tenha como base essas novas aprendizagens e não apenas respostas já esperadas pelo professor nas provas aplicadas, conforme depoimento da aluna EREBB:

[...] a avaliação deve ocorrer em toda aula, como é a postura, aprendizado, participação, atenção do aluno, e não valer somente a nota de uma prova.

Quando se visa a uma educação de qualidade que atenda, de modo específico e individualmente, às necessidades do aluno, é primordial que o professor exerça, em sala de aula, uma avaliação capaz de auxiliar o aluno em suas aprendizagens, sem classificá-lo. E, independente do seu desempenho, valorizar seus ganhos e avanços no aprendizado.

A avaliação da aprendizagem não precisa ser burocrática, nem mesmo seguir o padrão classificatório e excludente. Muito mais que isso, é necessário que novas formas e possibilidades de aplicá-la sejam praticadas pelos professores, visando ao desenvolvimento dos conhecimentos e das aprendizagens dos alunos.

Todavia, estipular uma nota ainda se mantém como norma no contexto escolar atual, para a manutenção da disciplina e da ordem, como se pôde verificar pelas respostas obtidas no questionário. Em virtude disso, deixa-se de lado o mais importante: o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem.

Para que haja uma modificação da atual situação, é necessário que exista uma boa relação entre professor e aluno, para que ambos estejam centrados no processamento de uma forma avaliativa que investigue as reais aprendizagens, tornando a escola um ambiente integrador, de espaço para todos e, principalmente, para o desenvolvimento de novas e significativas aprendizagens.

Infere-se, assim, que para que a avaliação da aprendizagem assuma o seu verdadeiro papel como instrumento que pode ser utilizado para diagnosticar as dificuldades apresentadas pelos alunos, visando ao crescimento das aprendizagens, é preciso que seja aplicada, em sala de aula, uma pedagogia alicerçada na transformação social e não no conservadorismo que exclui, desmotiva e classifica os alunos, imposto pelas escolas, como se enfatizou neste trabalho.

Igualmente, depreende-se que compreender as dificuldades dos alunos e trabalhar com base nelas é o caminho assertivo para uma reflexão sobre avaliação. Logo, procurar novas formas de aplicá-la é possibilitar a construção de um novo processo que oportuniza aos alunos alcançar novas aprendizagens e, por extensão, novos resultados.

## NOTAS

<sup>1</sup> As respostas extraídas dos questionários são citadas em itálico para distingui-las das demais citações.

<sup>2</sup> Resposta do pesquisado EREAMDD.

<sup>3</sup> Resposta do pesquisado EREBRU.

- <sup>4</sup> Resposta do pesquisado ERELP.  
<sup>5</sup> Resposta do pesquisado ERERC.  
<sup>6</sup> Resposta do pesquisado ERELP.  
<sup>7</sup> Resposta do pesquisado ERERPN.  
<sup>8</sup> Resposta do pesquisado ERECAH.  
<sup>9</sup> Resposta do pesquisado EREGFO.  
<sup>10</sup> Resposta do pesquisado EREABD.  
<sup>11</sup> Resposta do pesquisado EREFP.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, J. R. A. A avaliação da aprendizagem como processo interativo: um desafio para o educador. **Democratizar**, v. II, n.1, jan./abr. 2008. Disponível em: <http://cursos.unipampa.edu.br/cursos/progesus/files/2011/04/BARBOSA-JRA.-Avalia%C3%A7%C3%A3o-da-aprendizagem-como-processo-interativo.pdf>. Acesso em: 16 out. 2018.
- CANDIDO, E. L. Avaliação da aprendizagem: concepções e práticas. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do Professor PDE 2014 - Artigos**. Governo do Estado do Paraná. Disponível em: [http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2014/2014\\_unespar-paranagua\\_gestao\\_artigo\\_elisabete\\_luisa\\_candido.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unespar-paranagua_gestao_artigo_elisabete_luisa_candido.pdf). Acesso em: 16 out. 2018.
- ESTEBAN, M. T. **O que sabe quem erra?** Reflexões sobre avaliação e fracasso escolar. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- ESTEBAN, M. T. (Org.). **Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos**. 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003a.
- ESTEBAN, M. T. **Escola, currículo e avaliação**. São Paulo: Cortez, 2003b.
- GOMES, L. S. **A avaliação da aprendizagem no contexto da avaliação institucional da escola**. 2014. 48 f. Monografia (Curso de Especialização em Gestão Escolar) - Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2014. Disponível em: [http://bdm.unb.br/bitstream/10483/9133/1/2014\\_LucianaSilvaGomes.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/9133/1/2014_LucianaSilvaGomes.pdf). Acesso em: 20 out. 2018.
- GOMES, M. P. **Avaliação e revisão das práticas avaliativas**. 2015. 33 f. Monografia (Curso de Especialização em Gestão Escolar) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/151624/001004493.pdf?sequence=1>. Acesso em: 17 out. 2018.
- GONÇALVES, A. L.; LARCHERT, J. M. **Avaliação da aprendizagem: Pedagogia**. Módulo 4, v. 6. Ilhéus, RJ: Editus, 2012.
- HULTMANN, E. G.; CORRÊA R. L. **Concepções de avaliação do ensino/aprendizagem na formação de professores: primeiras aproximações de um resgate histórico**. 2018. 17 f. Artigo (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2018. Disponível em: [http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/seminario/seminario7/TRABALHOS/E/Eloisa%20godoy%20hultmann.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario7/TRABALHOS/E/Eloisa%20godoy%20hultmann.pdf). Acesso em: 18 out. 2018.
- LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem**: componente no ato pedagógico. São Paulo: Cortez, 2011a.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem**: estudos e proposições. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2011b.

MENEGHEL, S. M.; KREISCH, C. Concepções de avaliação e práticas avaliativas na escola: entre possibilidades e dificuldades. IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE, III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. **Anais [...]** out. 2009. Disponível em:

[https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/3393\\_1920.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/3393_1920.pdf). Acesso em: 25 out. 2018.

NEVES, I. C. **Avaliação da aprendizagem**: concepções e práticas de formadores de professores. Guarapuava, PR: Unicentro, 2007.

RIBEIRO, L. P. Avaliação diagnóstica: uma breve reflexão. **O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense**. 2011. [http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos\\_pde/pdebusca/producoes\\_pde/2010/2010\\_fafipa\\_ped\\_artigo\\_ledacy\\_paiva\\_ribeiro.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos_pde/pdebusca/producoes_pde/2010/2010_fafipa_ped_artigo_ledacy_paiva_ribeiro.pdf). Acesso em: 4 out. 2018.

SAUL, A. M. **Avaliação emancipatória**: desafio à teoria e à prática de avaliação e reformulação de currículo. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, L. L. A. de M.; NASCIMENTO, P. C. C. As concepções da avaliação da aprendizagem: problemas e soluções. IV FIPED - Fórum Internacional de Pedagogia. **Anais [...]** 2012. [http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/673271cc47c1a4e77f57e239\\_ed4d28a7.pdf](http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/673271cc47c1a4e77f57e239_ed4d28a7.pdf). Acesso em: 27 set. 2018.

SOUZA, N. A. de. Avaliação da aprendizagem e atuação docente. **Estudos em Avaliação Educacional**, n. 29, p. 149-168, 2004.

SPONCHIADO, D. A. M. **Avaliação da aprendizagem escolar**: constituindo diferentes posições de sujeitos no currículo escolar. 2016. 141 f. (Mestrado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, São Leopoldo, RS, 2016.

VIDIGAL, L.; ZAMBON, A. **Concepções avaliativas**: reflexos na prática docente. II Jornada de Didática e I Seminário de Pesquisa do CEMAD. **Anais [...]** Set. 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/jornadadidatica/pages/arquivos/II%20Jornada%20de%20Didatica%20e%20I%20Seminario%20de%20Pesquisa%20do%20CEMAD%20-%20Docencia%20na%20educacao%20Superior%20caminhos%20para%20uma%20praxis%20transformadora/CONCEPCOES%20AVALIATIVAS%20REFLEXOS%20NA%20PRATICA%20DOCENTE.pdf>. Acesso em: 13 out. 2018.

